

O Estado de S. Paulo – 16/03/2006

Para setor, plano não afasta risco de falta de energia

Nos três cenários do trabalho há problemas, diz especialista

Renée Pereira

Os cenários desenhados no Plano Decenal de Expansão de Energia Elétrica, apresentado terça-feira pelo governo, potencializaram as preocupações do setor. De acordo com análise feita pela Câmara Brasileira de Infra-Estrutura (CBIE), nas três possibilidades de crescimento econômico constantes do trabalho há risco de déficit no abastecimento. Nas previsões de alto crescimento e de referência, os problemas já podem aparecer em 2009, segundo o diretor da entidade, Adriano Pires.

Nesse caso, mesmo que o governo consiga solucionar os problemas das usinas que apresentam leves restrições, ainda haverá risco de desabastecimento em 2010. Somente com a remoção dos problemas que impedem a entrada em operação das usinas com graves entraves ou com leilões de energia nova (inclusive térmica) será possível eliminar a possibilidade de déficit, alerta a Câmara.

As preocupações do setor se intensificaram especialmente por causa dos projetos incluídos pelo governo no Plano Decenal para afastar um novo racionamento. Entre eles estão os empreendimentos do Rio Madeira, Belo Monte e a usina nuclear Angra 3. "Mas será que é o mais barato a fazer?", questiona o presidente da Associação Nacional dos Consumidores de Energia (Anace), Lindolfo Paixão, um dos maiores especialistas no setor de eletricidade.

Segundo ele, o mundo está em cima desses projetos por causa dos impactos que podem provocar ao meio ambiente. Isso significa que são obras difíceis de sair do papel, como é o caso de Belo Monte, em estudo há mais de 20 anos. Outro empreendimento polêmico é Angra 3, que divide opiniões no governo. Já as usinas do Rio Madeira exigirão investimentos de R\$ 20 bilhões, sem contar a necessidade de grandes linhas de transmissão para levar a energia até o centro de consumo.

"Isso distorceria a ordem de racionalidade econômica, fazendo o consumidor pagar mais caro pela eletricidade", diz o presidente da **Câmara Brasileira de Investidores em Energia Elétrica (CBIEE)**, **Claudio Sales**. Além disso, completa ele, apostar nesses empreendimentos eleva o risco do País, já que é grande a possibilidade de que esses projetos não fiquem prontos no prazo necessário. "Pela experiência brasileira, até hoje nenhum megaprojeto ficou pronto no prazo programado."

O aumento do custo da energia também preocupa o diretor da Associação Brasileira de Grandes Consumidores Industriais de Energia e Consumidores Livres (Abrace), Paulo Ludmer. Para ele, a modicidade tarifária tão almejada não se harmoniza com as fontes de energia incluídas no Plano. "No papel eles sugerem equilíbrio. Mas, na prática, há questões ambientais, judiciais e problemas na atração de investimento que precisam ser solucionados."